

Adroaldo chama atenção para risco de insolvência externa

SÃO PAULO — Ao contrário do que as autoridades econômicas procuram demonstrar, o perigo de insolvência externa ainda está longe de ser superado. E, apesar do bom desempenho das exportações e da certeza de que este ano o País deverá obter um superávit comercial superior a US\$ 12 bilhões, a economia brasileira continua sem condições de voltar a crescer, em função da contínua valorização do dólar em relação às moedas da Europa e da conseqüente alta nas taxas de juros internacionais.

Esta é, em síntese, a posição que o economista Adroaldo Moura da Silva defenderá no seminário "Economia Brasileira em 1984: balanço e perspectivas", que se realiza amanhã no Rio e contará também com a participação do ex-Ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen.

Adroaldo Moura da Silva admite que, em conseqüência do aumento das exportações, o Brasil conseguiu, nos sete primeiros meses do ano, um superávit acima das metas previstas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos credores. No entanto, observa que os ganhos comerciais foram até agora utilizados pelo Governo apenas para reduzir o pagamento dos juros.

Para o economista, o País desperdiçou excelente oportunidade de retomar o crescimento econômico, caso as autoridades tivessem permitido um aumento adicional de US\$ 2 bilhões nas importações no primeiro semestre. Esta medida, pondera, teria efeito multiplicador sobre a produção, dando



A valorização do dólar pode trazer prejuízos, adverte Adroaldo Moura da Silva

condições para que o Produto Interno Bruto (PIB) crescesse, este ano, a uma taxa de 3,8 por cento.

Para demonstrar o efeito negativo da alta do dólar na economia mundial, Moura da Silva diz que os produtos manufaturados brasileiros estão perdendo, a cada dia, poder de competitividade nos Estados Unidos. Isto porque, com a elevação do dólar, as moedas da Europa se desvalorizam a uma velocidade que permite aos países da região aumentar suas exportações numa proporção geométrica maior que a do Brasil, que mantém o cruzeiro atrelado à moeda americana.

O economista observa que, se por um lado é verdade que o Brasil conseguiu este ano aumentar, significativamente, suas vendas para os Estados Unidos, a Europa e o

Japão, conquistaram fatias ainda maiores deste mercado. O problema é que, para obter superávit crescentes na balança comercial, os salários dos brasileiros foram achatados ao limite máximo, a ponto de empresários e trabalhadores defenderem a modificação da política salarial.

Nos países europeus os salários foram reduzidos em proporção inferior à do Brasil e, mesmo assim, os produtos que exportam para os Estados Unidos são mais competitivos. Adroaldo diz que na Alemanha, por exemplo, o custo unitário da mão-de-obra em relação ao dólar sofreu uma queda de 25 por cento no período de 1980-84. No caso da Itália, a relação é ainda maior (30 por cento), o que significa que os preços dos produtos são mais baixos do que os do Brasil.